



O aquecimento vai derrotar o mundo

O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), das Nações Unidas, deu um tom mais realista e dramático às discussões do tema e alertou que “é provável” que a meta de aquecimento de no máximo 1,5°C até 2100 não será atingida (deve passar disso). Tal afirmação é de extrema gravidade por ameaçar a existência das espécies frágeis e prejudicar em alto grau os mais pobres, vulneráveis a alagamentos e deslizamentos. Por outro lado, a seca e o impacto na produção de alimentos ampliam a possibilidade de fome para muitos povos.

Para evitar que o aviso seja como esforço apenas para fazer barulho, os cientistas expuseram alguns dados.

Como fator para o pessimismo com o acerto da meta de aquecimento, o IPCC diz que para cumprilá-la seria necessário o planeta estar em um ritmo de redução de emissão de CO₂ e outros gases estufa que, segundo os acordos, (a emissão) precisaria cair pela metade até o fim desta década. Pelo contrário, a produção desses poluentes avançou 12% nos últimos dez anos.

A régua do aquecimento máximo de 1,5°C calculada em relação à temperatura da era pré-industrial, de meados do século 19. A necessidade de atingir essa meta tem sido discutida cansativamente nas conferências do clima da ONU. A próxima será a COP28, em Dubai, entre 30 de novembro e 12 de

O nó se dá na hora de investir dinheiro para mitigar os impactos no meio ambiente e financiar a migração para fontes limpas

dezembro próximos. Cercadas de grandes expectativa, as anteriores foram marcadas pelo impasse, com a definição de uma agenda só no fim para não frustrar os ambientalistas e os governos não serem expostos como inoperantes. O nó se dá quando se chega ao ponto de

investir dinheiro para mitigar os efeitos nocivos ao meio ambiente e financiar a migração para energias mais limpas.

É como subir uma montanha para se chegar ao ponto de inflexão no topo. A caminhada é lenta e extenuante, com custos que podem não ser compensados com resultados. Uma vez no cume, com sucesso, a descida tende a ser rápida e sem muito esforço. Essa comparação serve para a troca do petróleo, poluidor, mas lucrativo e de grande eficiência técnica, por várias tecnologias sustentáveis – que exigem muitos recursos e retorno demorado até resultarem em ganho de escala (de uso mundial e padronizado, o que reduz os custos).

Por outro lado, há três divisões de países que precisam ser integradas. Os ricos, os emergentes, que cada vez concorrem e tomam mercados do primeiro grupo, e os mais pobres, com populações ainda em rápido crescimento e futuro incerto, como Nigéria, Etiópia e República Democrática do Congo. Para piorar, o mundo agora se divide entre amigos dos Estados Unidos e Europa ou da China e Rússia, o que vai dificultar acordos econômicos e ambientais. Como alertou o IPCC, a cada 0,5°C acima da meta de aquecimento de 1,5°C, mais trágicos serão os impactos no mundo. Espera-se que os líderes mundiais, mesmo com suas diferenças, entendam a importância de agir agora.

TRIBUNA LIVRE

MARCUS VINÍCIUS DE FREITAS, Professor visitante, China Foreign Affairs University

Um grande engodo

No dia 20 de março de 2003, o mundo passou por um dos maiores engodos já produzidos na história. Sob a alegação não comprovada de possuir armas de destruição em massa, o governo norte-americano, liderado por George W. Bush, ordenou a invasão do Iraque e a troca de regime, com a condenação de Saddam Hussein – um ditador excrável – mas que ainda era responsável pela manutenção de relativa estabilidade no país.

Bush utilizara da mídia para anunciar a guerra e prometer acabar com Hussein, libertar o povo iraquiano, destruir as armas e defender o mundo do grave perigo representado pelo país rico em petróleo, e que, convenientemente, reduziria a pressão saúdita sobre Washington. As forças dos Estados Unidos e Reino Unido, no entanto, jamais encontraram as armas de destruição em massa. A promessa de paz e melhoria de condições no Iraque jamais se tornaram uma realidade num país que continua marcado pelo conflito, uma economia devastada e um cenário político de elevada instabilidade. No cômputo dessa guerra desnecessária, 200 mil civis iraquianos e 4.500

soldados norte-americanos perderam a vida.

Dessa atuação desastrosa podem ser aprendidas algumas lições importantes. Em primeiro lugar, a resolução para os problemas do Oriente Médio tem de originar-se na própria região. Acreditar que, por imposição externa, os países vão se comportar como a democracia norte-americana é um equívoco gravíssimo. Até porque, como a democracia não é monolítica nem única, ela se apresenta de várias maneiras, conforme a escolha da população de cada local. Em segundo lugar, a troca de regime – a retirada de Saddam Hussein do poder – sem uma solução refletida quanto à sucessão e à sua seguinte, é perigosa. Infelizmente, em muitas circunstâncias, é preferível o mal conhecido ao bem desconhecido, porque a situação sempre pode piorar, conforme evidenciado pela situação do Iraque e Líbia.

Em terceiro lugar, o caos e as milhares de mortes geraram no país e na região uma cicatriz difícil de curar com a Ocidente. Afinal, diferentemente daquilo que ocorreu na Europa após a Segunda Guerra Mundial, a vida não melhorou substancialmente no Iraque. Na realidade, pode-se dizer que até pio-

rou. E em quarto lugar, ficou claro que as grandes potências, quando desejam, interpretam o Direto Internacional a seu bel-prazer, sob a falsa e hipócrita alegação de busca da paz.

O resultado é que o Iraque criou um precedente global muito perigoso. A Guerra da Ucrânia evidenciou a atuação de Vladimir Putin seguindo à risca o precedente estabelecido pelos Estados Unidos em 2003. Além disso, Putin justificou a sua atuação devido à expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) em sua área de influência. É por esta razão que a Guerra na Ucrânia tem sido tratada pelo Sul Global mais como um confronto entre Estados Unidos e Rússia do que, efetivamente, uma guerra entre Ucrânia e Rússia.

O objetivo de Washington quanto a Moscou parece claro: trocar o regime, retirando Putin do poder. É uma aposta arriscada. Sem ter claro como será o dia seguinte dessa estratégia, qualquer movimentação pode gerar elevadíssimos custos para toda a humanidade, que se deu conta, pós-conflito do Iraque, que as grandes potências também manipulam para atingir seus objetivos escusos. Que o mundo não seja mais enganado.

DO LEITOR

As cartas enviadas à Tribuna do Leitor devem conter nome, endereço, telefone e RG. O tamanho dos textos não pode ultrapassar 900 caracteres, incluindo os espaços. As cartas que não obedecerem esta orientação serão desconsideradas, bem como e-mails anexados.

E-MAIL
leitor@grupo-tribuna.com

ATENDIMENTO AO LEITOR
Telefone: (13) 99674-1390

REDAÇÃO
Rua João Pessoa, 350, Santos,
São Paulo, CEP 11013-002

Vazamento de esgoto

O Edifício Arauama, à Avenida Siqueira Campos, 506, está sofrendo com um vazamento de esgoto na calçada desde dezembro, mas a Sabesp não consegue controlar o problema, que já atinge de modo incontornável a vizinhança, em razão do mal cheiro exalado. A Sabesp, no início, trocou um cano enferrujado, mas logo em seguida o vazamento mudou de curso, pela própria saída da Sabesp. Após várias solicitações, pelos meios disponíveis pela empresa, houve um contato informando que a rua seria quebrada no dia 11 de março. Uma equipe foi ao local, marcou a área com o X e nunca mais apareceu ninguém da Sabesp para resolver o problema. A síndica do prédio telefona a cada dois dias, outros vizinhos fazem o mesmo, e nada. Silêncio total. É certo que a Sabesp está com vários problemas de crateras surgindo nas ruas, atua em outras frentes, mas não pode deixar os moradores, crianças e pais de escola vizinha e pessoas que passam por ali correndo o risco de serem atingidos por alguma donna causada pelo vazamento de esgoto na via pública. O número do fornecimento é 253955564001.

KATHYA DE ALMEIDA RAMOS - SANTOS

personagem de Chico Anysio, Justo Veríssimo.

ADEMAR ALONSO RODRIGUES - SANTOS

Justiça do Trabalho

O deputado federal Luiz Philippe colhe assinaturas para propor PEC que, entre outras, transfere as atribuições do TSE para o Congresso Nacional. Junto com essa aberração, entre tantas, também propõe a extinção, sim, extinção, da Justiça do Trabalho. Não surpreende o “príncipe” propor ataques às instituições que, de certa forma, são contrárias aos interesses “monárquicos” da extrema-direita. Na mesma medida, também não surpreende a deputada federal Rosana Valle ter juntado sua assinatura em tal nefasta proposta de emenda constitucional. A nobre deputada federal, em 25 de março de 2019, reunida com os sindicalistas da Baixada Santista, negou veementemente que votaria contra os trabalhadores na reforma da previdência. Ledo engano. Agora, mais uma vez, e pelo andar da paragem principesca, qualquer proposta contrária aos interesses dos trabalhadores e da maioria da população levará a assinatura da deputada federal.

MARCUS AURELIO DE CARVALHO - SANTOS

ARTUR MARQUES DA SILVA FILHO, Desembargador aposentado do TJ-SP, presidente da Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo (Afpesp).

Segurança e respeito ao servidor

O funcionalismo público brasileiro é a categoria que interage de modo mais constante e direto com a sociedade, nas escolas, hospitais e outras unidades de atendimento na saúde, fóruns, agências do INSS, repartições públicas e no cotidiano das ruas. Assim, professores, profissionais da saúde, magistrados e servidores da Justiça, policiais, bombeiros, fiscais e agentes de vários segmentos estão permanentemente expostos à reação das pessoas, nem sempre cordial ou respeitosa e até agressiva, moral e fisicamente.

O descaso ao funcionalismo está previsto no Código Penal Brasileiro, em seu Artigo 331. A pena nesses casos é de detenção, de seis meses a dois anos, ou multa. Casos mais graves, como agressão física e assassinatos, são objeto de outros artigos e sanções legais. A legislação, contudo, não tem sido suficiente para garantir a segurança dos servidores no exercício de seus serviços em favor da sociedade. É o que demonstram algumas estatísticas.

Pesquisa inédita mostra que o Brasil é o segundo país, atrás da Bolívia, onde os juizes de Direito mais sofrem ameaças de morte ou à sua integridade física

na América Latina. Metade dos entrevistados em nosso país relataram o problema. Os dados são do estudo Perfil da Magistratura Latino-Americana, realizado pelo Centro de Pesquisas Judiciais da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), em parceria com a Federação Latino-Americana de Magistrados (FLAM) e o Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (Ipspe).

Outra pesquisa, de 2019, encomendada pelos conselhos regionais das categorias, entrevistou 6.832 profissionais da saúde (4.107 enfermeiros, 1.640 médicos e 1.085 farmacêuticos), revelando que 71% já haviam sofrido agressão física ou verbal no ambiente de trabalho. Em 2017, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico divulgou pesquisa global com mais de 100 mil professores e diretores de escolas do segundo ciclo do Ensino Fundamental e do Médio. O resultado foi assustador: no Brasil há o maior índice de violência nas escolas.

Esses exemplos demonstram ser fundamental proporcionar mais segurança e respeito às carreiras do funcionalismo público. Nesse sentido, é importante um processo de conscientização so-

bre seu trabalho, a relevância de seus serviços para a população e os riscos a que já estão expostos por sempre estarem na linha de frente das pandemias e epidemias, enchentes e desastres urbanos e naturais, na educação de nossas crianças e jovens e no atendimento diário a milhares de pessoas nas distintas repartições públicas.

Algo que precisa mudar são alguns discursos de autoridades, como se observa frequentemente, que buscam desmoralizar e desacreditar os servidores. Não são raras as lições sobre sua produtividade e/ou peso no orçamento das instituições dos Três Poderes. Não se pode imputar a todos que trabalham pela sociedade a responsabilidade por infraestruturas precárias de hospitais e escolas, ou a má administração do erário e suas consequências fiscais.

Quando se usa todo o funcionalismo para justificar erros específicos de gestores, fere-se a ética, descumpre-se a lei e se estimula a animosidade contra uma categoria que sempre está a serviço da população. Precisamos, com urgência, avançar na promoção do respeito ao trabalho, à segurança e à integridade dos servidores públicos.

Rebeliões

Toda vez que um governador, ou prefeito de qualquer cidade contraria os interesses da bandagem, a população paga a conta. A bola da vez é o RN, como já foi SP, e as análises que se seguem para explicar os fatos são as mesmas, como celular no presídio, má condição das cadeias e outras tantas que na verdade são desculpas que ocultam o recado passado pelos bandidos, isto é, “estão mexendo com os meus interesses”. Há falta de inteligência policial para cobrar tais atos, ou há conveniência maior por parte das autoridades para enfrentá-los? Em 2006, o jornal O Estado de S. Paulo estampou que houve um acordo entre o governo Alckmin, negado por ele, com o Marcola para o estancamento da rebelião, que milagrosamente se deu. Recentemente, o pré-candidato vai a um comício na maior e mais perigosa favela no Rio de Janeiro e posa com um boné suspeito, o ministro da Justiça é flagrado entrando na favela para uma conversa, sabe-se lá com quem e sobre o quê, além da transferência do Marcola para Brasília, novamente, sob a inverossímil alegação de suspeita de tentativa de fuga. Enquanto aquelas perguntas não forem respondidas, tais rebeliões vão continuar acontecendo, parecendo mostrar quem é que manda, e o povo que se lixe, como diria o

INSS

Minha esposa ganhou uma ação contra o INSS, o dinheiro está depositado na Caixa Econômica e ela só pode retirar com a autorização do juiz que deu a causa ganha, só que amanhã irá completar três meses e ele ainda não deu a tal autorização. Por que aconteceu isso se foi julgado e ela ganhou a causa? Por que o juiz ainda tem que autorizar a retirada e por que demora tanto? Alguém pode me explicar?

CARLOS JOSÉ DE ARAUJO - GUARUJÁ

Futebol brasileiro

Como torcedor santista, deixo meus elogios ao torcedor corintiano Celso Pinheiro, que na Coluna do Leitor de segunda-feira manifestou sua grande admiração por atletas do Santos FC que integraram o elenco desse grande clube na década de 1960. Achei especial esse seu gesto, pois demonstrou, antes de tudo e com total imparcialidade, ser um grande apreciador do futebol bem jogado. Aquele timaço, que tinha Pelé e outros iluminados craques a integrá-lo, foi mesmo fabuloso, tendo chegado, inclusive, a representar oficialmente no exterior até mesmo a própria seleção do Brasil. Quanta alegria aqueles supercraques deram a este e a tantos outros torcedores brasileiros.

RIVALDO OTERO - SANTOS